



Veredas Temática:

Autoetnografia em Estudos da Linguagem e áreas interdisciplinares

Volume 22 nº 1 - 2018

APRESENTAÇÃO

Percursos e presenças dos sujeitos em pesquisas na autoetnografia em estudos da linguagem e áreas interdisciplinares

Maria das Graças Dias Pereira (PUC-Rio)
Amitza Torres Vieira (UFJF)

Toda publicação tem sua história. Como surge a ideia do número temático sobre “Autoetnografia em Estudos da Linguagem e áreas interdisciplinares”? De início, vieram as discussões sobre o tema, resultantes não de um desejo individual, mas de reflexões em grupo que foram contagiando e trazendo o desejo de uma publicação conjunta, com artigos que agregassem pesquisas em diferentes contextos.

Inicialmente, foi elaborado o projeto de pesquisa “Autoetnografia em estudos da linguagem e áreas interdisciplinares: abordagens teóricas, metodologias e práticas profissionais” (2015) junto ao nosso Grupo de Pesquisa CNPq/PUC-Rio “Linguagem, Cultura e Trabalho”¹. A busca por textos para leitura foi feita por *Mayara de Oliveira Nogueira*, membro do grupo de pesquisa e, na época, doutoranda², e resultou na elaboração de uma “pasta” conjunta. A pasta elaborada, contendo várias subpastas, ficou disponível ao grupo e a outros pesquisadores da comunidade acadêmica interessados em leituras sobre o tema.

¹ <https://www.facebook.com/LinguagemCulturaTrabalho/>.

² Título da tese defendida: *Narrativas, prática profissional e ética social: negociação e coconstrução de identidades*; 2018; Tese (Doutorado em Letras) - Pontifícia Univ; Católica do Rio de Janeiro. Bolsista CNPq.

De forma concomitante, tivemos a presença marcante de Daniela Beccaccia Versiani³ em reuniões de nosso Grupo de Pesquisa. A pesquisadora fez sua tese de doutorado sobre o tema e publicou o livro “Autoetnografias: conceitos alternativos em construção” (2005). Versiani, em atitude extremamente colaborativa, discutiu suas proposições com os membros do grupo, durante as reuniões. Uma resenha de seu livro foi elaborada por Renata Martins Amaral e Mayara de Oliveira Nogueira Loyola, e faz parte do presente número temático.

Uma discussão importante, e extremamente relevante nos artigos do presente volume temático, é sobre noções alternativas de sujeito enquanto produtor de conhecimento (Versiani, 2005, p. 17). A autora aborda diferentes pesquisadores e justifica sua discussão em função da visão pós-estruturalista sobre a subjetividade e da declaração da “morte do sujeito” em Foucault (p. 20-22)⁴. Defendendo uma perspectiva multiculturalista enquanto diversidade e possibilidade de cooperação de saberes, Versiani traz a reflexão sobre processos “através dos quais sujeitos possam falar sobre si e por si mesmos”; seriam processos de interlocução, em que a perspectiva “desafia os sujeitos localizados em centros de saber – pesquisadores da cultura – que têm o poder de interagir com outros sujeitos e de colocar em circulação seus discursos” (p. 22). A autora acredita ser então necessário “elaborar estratégias de interlocução entre subjetividades”, “em sua constante mobilidade” e “alteração de posições de poder” (p. 22).

Outro aspecto importante diz respeito ao “processo de construção de etnografias e sua relação com a subjetividade do etnógrafo”, em estudos contemporâneos de antropologia, apresentados a Versiani por Valter Sinder⁵. Na resenha do livro de Versiani (2005), de Renata Martins Amaral e Mayara de Oliveira Nogueira Loyola, o leitor poderá encontrar, em mais detalhes, pontos extremamente significativos da obra da autora, de grande complexidade, sobretudo a partir dos ensaios resenhados na publicação “Auto/Etnography. Rewriting the self and the social”, de Deborah Reed-Danahay (1997).

A autoetnografia aponta assim para os aspectos, a seguir, dentre outros também relevantes: (i) auto enquanto reflexão de si mesmo, de um sujeito com crenças, sentimentos, experiências; (ii) autoetnografia remetendo ao contexto, à subjetividade do antropólogo, às relações com o nativo; (iii) autoetnografia envolvendo memórias em gêneros como narrativas, histórias de vida, dentre outros.

A seguir, detalhamos as contribuições dos autores em artigos do presente número temático. Comentamos, de início, os trabalhos que trazem reflexões sobre a concepção de autoetnografia e as relações com o fazer a própria pesquisa como profissional de um contexto de “nativo”.

Célia Elisa Alves de Magalhães, em seu texto “Autoetnografia em contexto pedagógico: entrevista e reunião como lócus de investigação”, destaca que utiliza o termo autoetnografia, por conceber que toda etnografia é de certa forma autoetnográfica; trata-se de “forma de pesquisa que busca descrever e analisar a experiência pessoal a fim de compreender a experiência cultural” e promover “a reflexividade no processo de pesquisa”. Comenta que utilizou, para a geração de dados em suas pesquisas, a entrevista de pesquisa individual qualitativa e a gravação de reuniões pedagógicas. Destaca os procedimentos éticos adotados junto aos participantes e à direção da instituição, lócus da pesquisa e local em que trabalha; incluiu a conversa com os participantes, a explicação sobre a pesquisa e seus objetivos e a solicitação de

³ Daniela Gianna Claudia Beccaccia Versiani.

⁴ Ver BRUNI (1989), citado por Versiani (2005).

⁵ Ver lattes de Valter Sinder em <http://lattes.cnpq.br/4017037880197153>

consentimento, com assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Em suas reflexões, percebe que suas pesquisas já realizadas, de natureza autoetnográfica, trouxeram contribuições profissional e pessoal, mediante entendimentos construídos com os participantes das pesquisas; e considera que, na pesquisa autoetnográfica, o pesquisador observador cede espaço ao pesquisador “como membro integrante do grupo pesquisado”.

Em seu estudo “Estudos da linguagem em permanente estado etnográfico: notas sobre a observação participante de uma pesquisadora/nativa que “quer se meter””, *Talita de Oliveira* traz também sua reflexão sobre “o delicado papel de ser, ao mesmo tempo, pesquisadora e nativa do contexto investigado”. Ancorada na abordagem etnográfica adotada em sua pesquisa, faz considerações sobre a região fronteiriça com a autoetnografia. A perspectiva é, sobretudo, acerca da observação participante, em fases anteriores à própria pesquisa e na fase de geração de dados. Comenta que gravou dados, tais como reuniões de professores, conversas informais espontâneas e entrevistas. Atribui ainda alto grau de importância aos dados registrados em diários de pesquisa e notas de campo. Procurou, como destaca, se “engajar em um processo de autoconsciência acerca dos riscos e limitações da observação participante feita por uma nativa”. Enfatiza, sobretudo, os ganhos epistemológicos para a pesquisa mediante ruptura com polarizações tradicionais entre eu *vs.* outro, sujeito *vs.* objeto, individual *vs.* coletivo, como destacado por Versini (2002, p. 67). E enfatiza, nas considerações finais, o “trânsito entre o distanciamento e a familiaridade”, em que a opção por seu *campo de trabalho* “corresponde à tessitura de uma espécie de autorretrato, um processo de autodescoberta embebida de familiaridade”.

Fabrizio Tetsuya Parreira Ono, em seu artigo “Possíveis contribuições da autoetnografia para investigações na área de formação de professores e formação de formadores”, busca apresentar e discutir a autoetnografia para a área de formação de professores e formação de formadores. A autoetnografia, em termos metodológicos, é discutida mediante: i) expansão dos limites do conhecimento científico, com refutação do positivismo, e alinhamento a rupturas epistemológicas alinhadas ao pensamento pós-colonial e pós-moderno, no âmbito da pesquisa qualitativa; ii) preocupação com políticas e éticas na pesquisa; a ética da pesquisa seria uma ética relacional”, vem do sujeito/objeto/pesquisador; o “esforço pela justiça social” consiste na tentativa de tornar a vida melhor; iii) consideração por narrativas, emoções e o corpo; iv) avanço em identidades sociais e políticas identitárias. O autor destaca que é por meio de um trabalho autoetnográfico que “o sujeito/objeto se revela”, ao se expor e aceitar o risco, com seus sentimentos e experiências. Reflete que, para si mesmo, o processo foi profundo, incômodo e doloroso. E advoga pela adoção dessa perspectiva de pesquisa na “formação, tanto do professor quanto do formador”.

O texto de *Bruno Nöthlich* “Uma etnografia leitora e incompletudes escriturárias pelo marco zero do *sci-fi*: de onde a grama é verde e as garotas são lindas” traz uma perspectiva de etnografia leitora a partir de Versiani (2005), demarcando a ficção científica, o *sci-fi*. O autor desenha o gênero literário mediante mapeamento histórico, entre “*borders*” e “*frontier*”, também entre a literatura de terror e o romance policial. Parte então do conto *Micromegas*, de Voltaire, a grama verde e as garotas lindas, para discutir o marco zero da ficção científica, como gênero literário. Para Nöthlich, demarcar o marco zero “permite pensar a fixação das *borders* no século XVIII e o atravessamento das *frontiers* nos 250 anos seguintes”.

Vimos, nos artigos mencionados, os seguintes aspectos: a) reflexões sobre as fronteiras entre uma pesquisa de natureza autoetnográfica e etnográfica; b) inquietudes e ou benefícios da pesquisa autoetnográfica, como membro nativo ou membro

participante do grupo pesquisado; c) expansão dos limites do conhecimento científico, com a pesquisa qualitativa em autoetnografia; d) manifestações do sujeito no percurso de sua pesquisa, em suas experiências, emoções e reflexões; e) reflexões sobre um gênero literário na ficção científica.

Tratamos, a seguir, de pesquisas em que há uma postura também empírica em relação à concepção de autoetnografia, além das reflexões de caráter teórico e/ou metodológico. Nos textos seguintes, o primeiro deles trata da escritura e reflexão de um gênero acadêmico; no segundo artigo, são propostas atividades de cunho exploratório, a partir da concepção de enquadre interacional; o terceiro trabalho tematiza a leitura como prática social. Passamos então aos textos.

Bruno de Matos Reis, em seu artigo “Autoetnografia (d)e uma pesquisa do participante ou Notas de campo”, realiza o que foi proposto no artigo de Fabrício Tetsuya Parreira Ono. O objetivo principal de Reis foi o de utilizar sua “experiência pessoal de tornar-me pesquisador” para ilustrar facetas do percurso em sua pesquisa, de forma complexa. A escritura de seu texto é autoetnográfica, entre a autonarrativa e as reflexões sobre a sua incursão em disciplinas que contribuíram para sua trajetória. Ao mesmo tempo em que narra as fases da geração de dados, reflete sobre o que foi dito pelos participantes e mediante suas próprias indagações, a partir de concepções da prática exploratória (PE). No subtópico “Eu falo muito!”, comenta como interpretações em conjunto com os participantes, sobre a geração de dados, indicam mudanças suas de pesquisador a sujeito da pesquisa. O autor considera, assim, que, ao utilizar “a autoetnografia como instrumento de aprofundamento na reflexão”, enquanto processo e produto, foram criados espaços para “um olhar crítico-analítico” sobre sua “própria experiência enquanto realizador e participante da pesquisa”.

Sabine Mendes Lima Moura, em seu artigo “Parangolelizando entendimentos: agentividade e enquadres em um evento exploratório”, a partir da Prática Exploratória, tem por objetivo entender a transição entre a composição de pôsteres colaborativos, para a confecção de parangolés, como forma de expressar questões de pesquisa, na perspectiva de enquadres interacionais. Inicia a escritura de seu texto com construção identitária entre o pessoal e o acadêmico, como forma de interlocução com o leitor e de indicar as motivações de sua pesquisa. Busca, a seguir, trazer princípios sobre a Prática Exploratória, a partir do item “Ética e agentividade em pesquisa do praticante: o foco no aprendiz”. Os passos seguintes consistem em focalizar as atividades “do pôster ao parangolé”, a linha teórica do hibridismo exploratório através dos enquadres e a construção do percurso de caráter autoetnográfico e autorreflexivo. Mediante a análise dos dados e a proposta reflexiva, os entendimentos são de que o parangolé e a parangolelização parecem criar situações híbridas, multilaminadas, que oportunizam alto grau de agentividade dos pesquisadores-praticantes envolvidos. Mediante a manipulação de materiais no enquadre de oficina, o parangolé permitiu o intercâmbio de saberes de distintas ordens, entre praticantes diferentes níveis acadêmicos.

Em seu texto ““Tinha uma cartomante e ela leu o meu futuro”: análise de uma trajetória de vida (co)construída na interação”, *Odete Firmino Alhadadas Salgado* busca, a partir da atividade de leitura como prática social, entre ela própria e sua mãe Cássia como leitora, discutir narrativas geradas do ponto de vista da teoria narrativa e da autoetnografia. A obra literária lida é *A hora da estrela*, de Clarice Lispector; mediante a leitura da obra, são coconstruídas narrativas, em relação à temática da migração, presente tanto na obra literária quanto nas experiências de vida de sua mãe. Do ponto de vista da teoria da narrativa, surgem narrativas canônicas labovianas e pequenas narrativas. O evento presente na obra, com a personagem Macabéa, migrante nordestina, foi relacionado por sua mãe Cássia a uma ida a cartomante, aos dez anos de

idade, com acertos em relação ao seu futuro, diferenciados da personagem da obra lida. Em sua narrativa, Cássia ratifica as previsões da cartomante na ação complicadora; sai do mundo da narrativa e vai para o mundo da interlocução. Do ponto de vista da autoetnografia, Salgado destaca que “a autoetnografia pode ser entendida como um gênero autobiográfico que conecta o pessoal e o cultural” e que buscou, em seu estudo, reflexões a partir de experiências pessoais, emocionais, sociais e discursivas.

Nos próximos artigos, a reflexão sobre a autoetnografia é feita mediante pesquisas relacionadas ao corpo, à multimodalidade, à Linguística dos Afetos e aos desafios e mudanças nas perspectivas de estudo.

Fernanda Miranda da Cruz, na escritura de seu trabalho “O adeus de Augusto as interações entre crianças autistas e a emergência de uma pesquisadora-artista em estado de presença próxima”, assim como Reis em “Autoetnografia (d)e uma pesquisa do participante ou Notas de campo”, alterna entre reflexões sobre abordagens teóricas e revisão de literatura que mobiliza; uma autonarrativa sobre os percursos de sua pesquisa; e transcrição e interpretações sobre os dados gerados. A autora faz reflexões sobre a investigação, seguindo os seguintes aspectos: i) autores filiados à perspectiva multimodal e corporificada, com abordagens teórico-epistemológicas de estudos sobre interação e corpo; ii) documentação com experiências sobre convívio com crianças autistas, com abordagem através de movimentos/deslocamentos/gestos; iii) percursos da pesquisa de campo com geração de dados; para a autora, o que emerge só pode “ser apreendido em um exercício autoetnográfico”; iv) transcrição de um momento de interação entre a pesquisadora e uma criança autista, com sequência de imagens; v) reflexões sobre o processo de transcrição, com desafios, envolvendo aspectos gestuais, verbais e materiais; vi) análise inicial quando há linguagem verbal, turnos e estruturas linguísticas. A autora buscou assim trazer “os movimentos investigativos, práticos e subjetivos” de uma pesquisa autoetnográfica, em um trabalho de investigação sobre o autismo.

No texto “A língua deles no meu corpo: o autoetnógrafo como corpo-experienciador da linguagem e do campo”, *Gleiton Matheus Bonfante* também se situa na perspectiva do corpo; no entanto, trata também da Linguística dos Afetos e da Erótica dos Signos, e situa seu estudo em perspectiva pós-colonial. No âmbito da Linguística dos Afetos, a teorização sobre afetividade humana é de Espinoza; a relação linguagem e ação, e performance, é pensada a partir de Austin e de Butler; e considera, a partir de Foucault, que discursos criaram e recriaram a própria homossexualidade. Há, para o autor do artigo, um rompimento com a cisão entre sujeito e objeto, que “podem coincidir, tanto na linguagem quanto na escrita etnográfica”. A partir da proposta autoetnográfica, assume, no estilo narrativo, na mesclagem de gêneros etnográfico e autobiográfico, o código-território em que está imerso (os aplicativos de pegação) e atos autobiográficos que incorporam a descrição etnográfica. Em seu trabalho, procura interrogar “estratégias semióticas de elogio e do menosprezo” em relação a seu perfil, em aplicativos de pegação.

Os dois últimos artigos comentados advogam, sobretudo, pela perspectiva autoetnográfica. Nos textos seguintes, autoetnografias são tratadas como dimensões e sensibilidades, junto a pesquisas etnográficas.

No trabalho “Militância e ocupação: Dimensões autoetnográficas na pesquisa sobre movimentos sociais”, *Etyelle Pinheiro de Araújo* e *Liliana Cabral Bastos* revisitam uma pesquisa anterior de 2013 e discutem as relações com a autoetnografia. As perguntas principais que se colocam são: “é possível falar numa autoetnografia desenvolvida por mais de um investigador?”; “é possível se falar em um ‘nós’ autoetnográfico?”. A reflexão é feita com participação diferenciada nas etapas da

pesquisa. A primeira autora, como “eu”, é participante do contexto pesquisado, com a sua experiência e militância, e teve a motivação inicial para o estudo. No planejamento da pesquisa, participaram mais as orientadoras, com discussão de questões e de caminhos possíveis, articulações teóricas e metodológicas; é uma etapa do “nós” em cooperação. É feita então a contextualização da pesquisa, com as manifestações e as ocupações. Enquanto militante e pesquisadora, a primeira autora participou das duas ocupações e se engajou em um coletivo de mídia alternativa. São introduzidos os parâmetros da análise, com foco na narrativa e na interação dos manifestantes; no decorrer das narrativas, que emergem no contexto da entrevista, os manifestantes interagem com a primeira autora, participante do mesmo contexto que eles. É então mediante a abordagem socioconstrucionista que as autoras observam como se dá o ‘encontro autoetnográfico’ entre os ‘eus’ da pesquisa.

No texto “Alguma coisa que eu não era: sensibilidades autoetnográficas na construção de duas pesquisas em instituições totais”, de *Liana de Andrade Biar e Luís Alberto Torres*, os autores procuram destacar a relevância de se considerar a “sensibilidade autoetnográfica” na construção da pesquisa em discurso e interação, em “instituições totais”. Um dos estudos, ainda em curso, é realizado em um seminário católico de formação sacerdotal, com o objetivo de analisar as “narrativas vocacionais” de jovens internos. A pesquisa, no âmbito da “autoetnográfica analítica”, conta com a figura do “pesquisador nativo”, o seminarista. O segundo estudo, sobre “narrativas de adesão ao crime contadas por um grupo de internos da instituição”, realizado em 2012, pela primeira autora, tem caráter mais etnográfico, com a pesquisadora na condição de “não-membra; o componente “auto” da etnografia revela-se via introspecção sobre a estada no campo. Os autores tematizam, em suas reflexões, em primeiro lugar, a natureza das instituições totais, em relação “às circunstâncias de entrada e os regimes de vigilância”. Em ambas as instituições, para que os “internos” sejam aceitos, é preciso performar um *self* satisfatório para si, para a instituição e para a comunidade. Por outro lado, a atuação do pesquisador é também regulada pelas regras das instituições totais. Ao tratarem da “sensibilidade autoetnográfica”, citando questões centrais apontadas por Coelho (2016) no livro “A escrita da cultura”, os autores entendem que “exercitar essa sensibilidade” “é não deixar de fora da pesquisa a reflexão sobre qual foi o nosso lugar no campo, o que foi possível saber e o que foi permitido dizer.”

Os dois últimos artigos comentados enveredam por questões sobre autoetnografia ainda não tematizadas nos artigos anteriores. Um aspecto importante no artigo de Araújo e Bastos é “a estrutura de participação” (Goffman [1981] 2002; Schiffrin 1987) na pesquisa relatada, incluindo suas autoras e os participantes entrevistados. Biar e Torres, com a concepção de “sensibilidade autoetnográfica”, tratam da entrada de campo em instituições totais e de como interpretar os dados ali gerados,

No trabalho seguinte, “Análise de histórias de vida a partir das lentes da resistência: uma experiência autoetnográfica na construção da pesquisa acadêmica”, *Clarissa França* tem por objetivo “refletir sobre a importância da autoetnografia na pesquisa em análise de narrativas e socioconstrução de identidades”. Sua proposta consiste em desenvolver duas seções de análise: uma de microanálise de uma narrativa, que emerge em uma entrevista de pesquisa; na segunda análise, de caráter autoetnográfico, será produzida sua reflexão pessoal sobre as contribuições da sua experiência em campo. Na seção “Autoetnografia nos Estudos da Linguagem (e neste artigo)”, a autora traz contribuições relevantes e trata, em especial, da autoetnografia como pesquisa de resistência. Sua primeira análise é da história de vida de Rafael, enquanto narrativa de resistência. No item que denomina de “A microanálise situada na

minha experiência como integrante do campo de pesquisa”, faz reflexões sobre como realiza as entrevistas e sobre o estigma em práticas religiosas de matriz africana. No final do artigo, apresenta questões que ainda permanecem em seu campo de pesquisa, em relação ao sofrimento humano, com significado político. A autora se indaga também sobre como partilhar os resultados da pesquisa como forma de letramento no retorno à comunidade, ou com pessoas que não se alinham a sua perspectiva. Considera também a relevância de sua trajetória de pesquisa enquanto um ato de resistência à estigmatização das práticas religiosas de matriz africana.

Claudia Maria Bokel Reis e William Soares dos Santos, no artigo “A escola perdendo o controle: o discurso da violência em uma narrativa de uma professora em formação inicial”, têm por objetivo, do ponto de vista autoetnográfico, analisar a construção de dados narrativos para a compreensão da jornada formativa de uma professora enquanto construção de coerência de sua própria formação. Através do processo de escrita, “a licencianda legitima um espaço de reflexão capaz de conferir autoridade à sua própria voz e personalidade.” Na narrativa analisada na pesquisa, o bullying é uma questão fundamental. O tema central do memorial de formação da licencianda foi o da violência sofrida por um aluno na escola. Os autores perceberam a relevância da narração contida no memorial de formação para se refletir a respeito do professor em formação e sobre diferentes práticas discursivas na escola.

O último artigo, “A gente demorou mas conseguiu acertar”: autoetnografia como metodologia crítica de reflexão sobre assimetria e relações de poder em entrevistas de pesquisa”, é de *Allane de Souza Pedrotti* e *Maria Cristina Giorgi*. As autoras propõem uma aproximação entre autoetnografia e conceitos da análise do discurso enunciativa, com o objetivo de identificar, na fala da pesquisadora, ao longo das análises das entrevistas, marcas que apontem para o embate entre discursos da gestão e da educação, visto que a primeira autora também ocupa um cargo de gestão na instituição investigada. A autoetnografia não apenas reconhece, mas assume a subjetividade e a emotividade do pesquisador.

No posfácio, “Dizer-se. Narrar-se. Etnografar-se.” de *Leandro da Silva Gomes Cristóvão*, o autor toma a palavra e convida as colegas e os colegas linguistas e não linguistas a acompanharem sua reflexão.

Mesclamos nossa voz à de Leandro, em um diálogo sobre autoetnografia com Daniela Versiani e os autores dos artigos, no presente volume temático, com foco em Estudos da Linguagem e áreas interdisciplinares.

O primeiro participante a marcar a sua presença é de fato o sujeito. Nas palavras de Leandro “A autoetnografia se abre a um eu” - o “eu em análise”, o “eu que analisa”. Nossa indagação: Como é a presença do sujeito ao se colocar no que faz?

Nos artigos dos autores, o sujeito esteve sempre presente, seja na figura do pesquisador em seu contexto de trabalho, com a visão de partilhar a pesquisa, para poder contribuir com a sua instituição, como nos artigos de Magalhães e Oliveira, seja no lugar que o pesquisador ocupa no campo de pesquisa, nas instituições totais, como em Biar e Torres, com a concepção de “sensibilidade autoetnográfica”, trazendo a relevância do que é possível dizer nesses contextos. Não se trata de “estar na esquina”, mas de participar das instituições. Mas não se trata apenas de “estar lá”, mas de fazer parte do processo de “como estar lá”, considerando tanto o lugar do pesquisador no campo quanto o que os participantes da pesquisa podem dizer, de acordo com normas institucionais. Questões dessa natureza são tratadas no âmbito da Antropologia; remetemos a uma obra recentemente traduzida por Maria Cláudia Coelho “A escrita da cultura” de Clifford e Marcus ([1986, 2010] 2016).

O “eu”, no entanto, nem sempre é presença individual na pesquisa. Araújo e Bastos tematizam a manifestação de um “nós” em várias etapas da pesquisa e na construção da análise dos dados. Trata-se da “estrutura de participação”, introduzida por Goffman ([1981] 2002) para discutir formatos de produção e de interpretação na ordem interacional, em sua redefinição das noções de falante e ouvinte; a noção é também utilizada por Schifffrin (1987, p. 24-28) em seu modelo de discurso, envolvendo todos os componentes (estrutura ideacional, estrutura de ação, estrutura de troca) (Pereira, 2013, p. 71-72).

O “eu” e o outro também são tematizados em uma atividade de leitura, como prática social. *Salgado*, ao considerar narrativas geradas do ponto de vista da teoria narrativa e da autoetnografia, coloca juntas a si própria e sua mãe Cássia como leitora.

As dicotomias entre o “eu” e o objeto da pesquisa são também desfeitas ou postas em reflexão. Bonfante rompe com a cisão entre sujeito e objeto e assume a pesquisa em “estratégias semióticas de elogio e do menosprezo” em relação a seu próprio perfil, em aplicativos de pegação. O sujeito é tematizado por meio da perspectiva do corpo, no âmbito da Linguística dos Afetos e da Erótica dos Signos, em abordagem pós-colonial, em novas tecnologias no mundo social.

Voltando à voz de Leandro, trazemos temáticas da pesquisa social, que “são ditas, narradas e etnografadas pelos próprios sujeitos tecedores da malha social”. Também na perspectiva de desfazer dicotomias e de trazer o compromisso ético da pesquisa, Ono coloca em discussão a autoetnografia na “formação de professores e formação de formadores”. Para o autor, é por meio de um trabalho autoetnográfico que “o sujeito/objeto se revela”. Tivemos a concretização de reflexões sobre temáticas no contexto da escola, em artigos de Moura, Bockel e Soares, Pedrotti e Giorgi. Destacamos também o artigo de Cruz, sobre sua pesquisa com crianças autistas, em que faz uma autonarrativa sobre os percursos de sua investigação; transcrição e interpretações sobre os dados gerados, filiada à perspectiva multimodal e corporificada. Os autores e as autoras tratam de outros contextos sociais em suas pesquisas: Araújo e Bastos, no movimento social de “Militância e ocupação”; França, no tratamento da resistência à estigmatização das práticas religiosas de matriz africana. Como nos diz Ono, é nesse momento que o sujeito se expõe, aceita o risco, com seus sentimentos e suas experiências.

Retornando às palavras do posfácio de Leandro, gostaríamos de trazer suas reflexões e as nossas sobre a própria escrita, sobre os gêneros, na perspectiva da autoetnografia. Leandro nos fala sobre “escrever sobre a escrita, produzir um texto que pensa o texto, construir um discurso que se debruça sobre o fazer discursivo”. Em artigos aqui comentados, Nöthlich desenha o gênero literário a ficção científica, o *sci-fi*, mediante mapeamento histórico, entre “*borders*” e “*frontier*”, também entre a literatura de terror e o romance policial. A escritura de Reis é autoetnográfica, entre a autonarrativa e as reflexões sobre a sua incursão em disciplinas na trajetória acadêmica. França alterna entre a análise de uma narrativa de um participante da pesquisa e suas reflexões sobre sua própria história de vida em relação a práticas religiosas.

Perguntas para reflexão: A partir dos estudos, quais são os ganhos para a área de Estudos da Linguagem e relações interdisciplinares? Que perspectivas permanecem em aberto? Podemos dizer que a discussão, a partir da contribuição dos autores no presente volume temático, foi produtiva. Fizemos, ao longo de nossa apresentação, algumas leituras dos artigos, que ficam agora nas mãos dos leitores.

Convidamos a todos e a todas a fazerem suas próprias leituras e interpretações, como leitores-autores, a partir de suas experiências e de suas próprias histórias de vida.

Por fim, nossos agradecimentos.

Agradecemos a todos que, em relação de coconstrução, contribuíram para a concretização do presente volume temático “Autoetnografia em Estudos da Linguagem e áreas interdisciplinares”.

À Veredas, agradecemos pela abertura do espaço:

- *Luiz Fernando Matos Rocha*, acreditando na relevância da temática Autoetnografia em Estudos da Linguagem, gentilmente acolheu a ideia da presente publicação em coorganização com *Amitza Torres Vieira*, agora também em colaboração com a nova Comissão Editorial: *Alexandre José Cadilhe*, *Ana Paula El-Jaick*, *Mercedes Marcilese* e *Paula Roberta Armelin*;

- *Amitza Torres Vieira*, mais de que uma coorganizadora, foi incansável na própria organização, na conversa com os autores dos artigos, com os pesquisadores do Comitê Científico, na edição técnica do número temático, enquanto pesquisadora que “comprou” e realizou a ideia em parceria.

Aos autores dos artigos, da resenha, ao Leandro no posfácio, agradecemos pela confiança e por apostarem na perspectiva da Autoetnografia em Estudos da Linguagem e áreas interdisciplinares, trazendo ao leitor as suas propostas e reflexões.

Aos membros do Comitê Científico, agradecemos pela leitura dos artigos e pela emissão dos pareceres, em mais do que uma vez; foram também incansáveis na busca da qualidade dos artigos aqui disponíveis.

Referências Bibliográficas

BRUNI, J. C. Foucault: o silêncio dos sujeitos. *Tempo Social*, v. 1, n. 1, p. 199-207, 1989.

CLIFFORD, J.; MARCUS, G. (Orgs.). [1986, 2010] *A escrita da cultura*. 1ed. Rio de Janeiro: EdUERJ/Papéis Selvagens, 2016.

COELHO, M. C. Sobre Tropas e Cornetas: apresentação à edição brasileira de Writing Culture. In: CLIFFORD, J.; MARCUS, G. (Orgs.). *A escrita da cultura*. 1ed. Rio de Janeiro: EdUERJ/Papéis Selvagens, 2016, p. 7-25.

GOFFMAN, E. [1981] Footing. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Orgs.). *Sociolinguística interacional*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002. p. 107-48.

PEREIRA, M. das G. D. Discordâncias na interação entre atendentes e clientes em uma Central de Atendimento de Seguro Saúde: o cumprimento do mandato institucional com estratégias de convencimento. *ReVEL*. v. 11, n. 21, p. 63-95, 2013.

REED-DANAHAY, D. (Ed.). *Auto/etnography. Rewriting the self and the social*. Oxford, New York: Berg, 1997.

SCHIFFRIN, D. *Discourse markers*. Cambridge, Cambridge Univ. Press, 1987.

VERSIANI, D. B. *Autoetnografias: conceitos alternativos em construção*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2005.

EXPEDIENTE
UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

Reitor
Marcus Vinicius David

Vice-reitora
Girlene Alves da Silva

Pró-Reitora de Pós-graduação e Pesquisa
Mônica Ribeiro de Oliveira

Pró-Reitora de Graduação
Maria Carmen Simões Cardoso de Melo

FACULDADE DE LETRAS

Diretor
Rogério de Souza Sérgio Ferreira

Vice-diretora
Aline Alves Fonseca

Chefe do Departamento de Letras
Ana Paula Grillo El-Jaick

Chefe do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas
Prisca Rita Augustoni de Almeida Pereira

Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Linguística
Ana Claudia Peters Salgado

COMISSÃO EDITORIAL
Alexandre José Cadilhe
Ana Paula Grillo El-Jaick
Mercedes Marcilese
Paula Roberta Gabbai Armelin

EDITORES – V.22 – N.1
Maria das Graças Dias Pereira (PUC-Rio)
Amitza Torres Vieira (UFJF)

Programa de Pós-Graduação em Linguística
Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)
Campus Universitário s/n, Martelos
36036-900, Juiz de Fora - Brasil
Tel.: +55 32 2102 3135
Fax: +55 32 2102 3135
e-mail: ppg.linguistica@ufjf.edu.br

Copyright: Programa de Pós-Graduação em Linguística-UFJF

VEREDAS ONLINE – TEMÁTICA – 1/2018 – PPG LINGUÍSTICA/UFJF – JUIZ DE FORA – ISSN: 1982-2243